PLÍNIO COELHO
Deputado Federal

AMAZÔNIA, IMPERIALISMO E VARGAS

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1951

SGC-39592.
- 4005 -

PLÍNIO COELHO

Deputado Federal

AMAZÔNIA, IMPERIALISMO E VARGAS

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1951

AmM 1367

"Somos e continuaremos a ser impulsionados pela mesma e ardente fé que nos levou às paliçadas de 3 de outubro! Somos e continuaremos a ser soldados confiantes no Chefe, que nunca nos desmereceu e que jamais nos levou ao infortúnio da descrença e da derrota".

"Os amazonenses não desesperamos de Vargas e lhe concedemos ilimitado crédito de confiança. E novamente o Amazonas voltará a pertencer ao Brasil".

Discurso proferido nas sessões dos dias 3 e 5 de maio de 1951

O SR. PLÍNIO COELHO (*lê o seguinte discurso*) — Senhor Presidente, Senhores Deputados. Não fôra a imperativa voz de comando do povo amazonense, ainda nesta hora em pé de guerra, nas praças públicas, nas colunas dos jornais, nas associações dos produtores da *hevea brasiliensis* e na Assembléia Legislativa, protestando contra a eleição da atual Diretoria do Banco de Crédito da Amazônia, que excluiu o maior Estado produtor de borracha brasileira e contra a criminosa política adotada pelo Sr. Felisberto Camargo, não fôra isso e não ousaria eu a suprema audácia de, tão cedo, ocupar a tribuna desta Casa para erguer a minha voz — de marinheiro de primeira viagem e, por isso mesmo de bizonho, para aceitar à cunha, o florilégio do velho parlamentar gaúcho: deputado Flores da Cunha — onde já se fizeram ouvir alcandorados vultos da História do Parlamento Nacional.

A Vossas Excelências, portanto, as desculpas do mais inexperiente de todos os oradores que já ousaram falar nêste plenário. A ensancha afortunosa — ou "ensancha oportunosa", conforme a singular expressão criada pelos colegas da imprensa carioca, — que me oferece a gloriosa gente da Gleba Verde — ou das "verdoengas plagas da Amazônia", se me permitem, mais uma vez, os confrades do Rio o uso de uma expressão que lhes pertence — estará, bem o sei, demarcada com o sinete de uma irrecorrível perdição para o orador, se êste não contar com a fidalga simpatia e o bondoso perdão de todos quantos aqui, preliando no exercimento de um mandato popular, fizeram e fazem desta Casa a oficina dos sóis que iluminaram e iluminam a terra brasileira, para a felicidade da brasília gente.

O Sr. Emílio Carlos — V. Ex.ª permite a ensancha de um aparte?

O SR. PLÍNIO COELHO — Com grande prazer.

O Sr. Emílio Carlos — O problema da Amazônia deve ser a industrialização. O crédito, de per si, como tem sido aplicado, talvez não venha resolver o problema. Gostaria de sugerir a V. Ex.ª se adotasse o mesmo princípio do projeto José Bonifácio, a propósito da siderurgia — forçar o estabelecimento de indústrias de borracha apenas onde exista a matéria prima. Assim, V. Ex.ª eliminará as indústrias de pneumáticos de São Paulo e Rio de Janeiro e forçará sua instalação na Amazônia, com o que resolverá oportunosamente o problema da região.

O SR. PLÍNIO COELHO — Recebo — eu, filho da Amazônia, eu, nascido na mata, eu, filho das barrancas do Madeira, — recebo a lição de V. Ex.ª, homem que, por sinal, nunca visitou os nossos rios. No entanto, quero dizer que, até aqui, não falei em indústria de pneumáticos. Apenas me refiro à eleição — se me permite V. Ex.ª — da diretoria do Banco de Crédito da Amazônia, que excluiu o maior Estado produtor. Estou falando, nobre Deputado, agora, da política adotada pelo Sr. Felisberto Camargo.

O Sr. Emílio Carlos — Não há dúvida.

O SR. PLÍNIO COELHO — Ainda nem sequer anunciei, aventando, de leve mesmo, ao menos de passagem, de raspão, perfuntòriamente, êsse problema que V. Ex.ª, já tão cedo ino-

portunamente, está abordando. Como quer que seja, permita-me V. Excelência que registre o aparte e me honre com êle. Tenho, entretanto, trabalho muito longo para tempo tão curto.

O Sr. Emílio Carlos — Só queria dizer a V. Ex.ª que não é uma lição, absolutamente, mas apenas uma sugestão a V. Ex.ª, uma vez que tenho acompanhado o seu interêsse pelo soerguimento da Amazônia.

O SR. PLÍNIO COELHO — Muito obrigado a V. Ex.ª V. Ex.ª está provando que também é interessado no soerguimento do Brasil, porque, com o soerguimento da Amazônia, o Brasil também será soerguido.

Continuo, Sr. Presidente. Conquanto tangido pela rebeldia disciplinada que faz vibrar o meu povo e apesar de contar com a benevolência de VV. Excelências, ainda assim, deixar-me-ia ficar de braços cruzados, indiferente aos destinos dos meus irmãos caboclos, vivendo a idealidade chinesa que transforma o homem em um estrangeiro à terra, ouvindo a voz dos experientes que, sensibilizados pelas amarguras e desilusões, julgam inúteis os protestos em uma terra onde se oficializa o furto, premeia-se a incompetência, galardôa-se a malandragem e se consagra a irresponsabilidade, a falta de caráter e o despudor, e me aconselham a silenciar para melhor viver, a bater palmas para melhor triunfar; — se não acreditara eu que o grito de um idealista, embora não encontre acústica em seu tempo, é repetido, séculos depois, por multidões; se não admitira, também, a assertiva de Anatole France, de que a humanidade realiza, a pouco e pouco, o sonho dos sábios.

O Sr. Flores da Cunha — V. Ex.ª permite um aparte?

O SR. PLINIO COELHO — O aparte de V. Ex.ª sempre me honra

O Sr. Flores da Cunha — E' para fazer uma pequena observação. V. Ex.ª é estilista...

O SR. PLINIO COELHO — Obrigado a V. Ex.ª.

O Sr. Flores da Cunha — ...e cultor aprimorado das letras.

O SR. PLINIO COELHO — V. Ex.ª é quem o diz.

O Sr. Flores da Cunha — Digo-o, e estou convencido. Mas V. Ex.ª cometeu agora uma cincada quando disse "premeia-se". O correto é "premia-se".

O SR. PLINIO COELHO — Não estou compreendendo bem o aparte de V. Ex.ª.

O Sr. Flores da Cunha — "Premeio" é de premer e "premio" é de premiar, verbo derivado de prêmio.

O SR. PLINIO COELHO — Vê V. Ex.ª como é diferente, neste Brasil imenso, a linguagem do Norte da linguagem do Sul.

O Sr. Tenório Cavalcanti — E' que V. Ex.ª se esquece de que há muitos guardas-civis da ordem gramatical... (*riso*)

O SR. PLINIO COELHO — Não se trata bem de uma questão gramatical; trata-se de uma simples diferença de dicção de um sulista para um nortista. Êste Brasil, tão imenso, é tão incompreendido na própria babel da linguagem... E' que nós, caboclos do norte, não falamos a linguagem dos gaúchos...

O Sr. Flores da Cunha — Não fiz a observação pejorativamente, mas apenas porque estou contemplando no nobre colega um sucessor de Cruz e Souza.

O SR. PLINIO COELHO — Obrigado a V Ex.ª.

Acontece, porém, Sr. Presidente e Srs. Deputados, que a diferença sentida pelo Deputado, pelo glorioso, pelo grande Deputado Flores da Cunha é apenas de dicção, já que não desejamos discutir a questão gramatical. Sou do norte, e, por exemplo, pronuncio o "l" como "u"; o nobre Deputado, lá do Rio Grande do Sul, pronuncia o "l" como "le". Quando digo "sal", pronuncio "sáu", ao passo que o ilustre Deputado diz "sall". E' uma diferença de dicção.

Mas, permita-me o ilustre Deputado Flores da Cunha que eu anote e tome como lição de mestre a bela demonstração dada por V. Ex.ª.

O Sr. Flores da Cunha — Penso que V. Ex.ª tem razão. Aliás, o motivo por que tomo assento na primeira bancada é justamente a minha surdez, que não chamarei de precoce porque é própria da idade... (*riso*)

O SR. PLINIO COELHO — Diga-se de passagem: eu não quis afirmar que V Ex.ª tivesse ouvido mal Talvez eu tenha pronunciado assim como V. Ex.ª diz. Acontece, porém, que é habito do Norte. E V. Ex.ª sabe: costume de casa leva-se à praça... Além do mais, estou também com a razão.

E justamente porque assim penso, eis-me agora, na fecundação de uma esperança e no cumprimento de um

dever, armado a cavaleiro para o sagrado combate de quem ama a sua Pátria acima de tudo, e que, por isso, não compreende nem admite os tratamentos de exceção, a política de humilhação que se quer infringir a um povo heróico que, por numèricamente diminuto, se encontra distribuído, como sentinelas esquecidas, desamparadas e indormidas, no Estado de maior porção territorial da Patria.

O Sr. José Matos — V. Ex.ª dá licença para um aparte?

O SR. PLINO COELHO — Pois não.

O Sr. Jose Matos — Quem quer imprimir essa vergonha ao Estado V. Ex.ª pode dizer? Qual o responsável pela eleição da atual Diretoria do Banco da Borracha?

SR. PLINIO COELHO — Responsáveis são os acionistas do Banco de Crédito da Borracha.

O Sr. José Matos — V. Ex.ª sabe que o maior acionista é o Govêrno

O SR. PLINIO COELHO — V. Ex.ª vai consentir que mais adiante entre na matéria. Mas posso dizer a V. Ex.ª que, trabalhista e getulista, não vou ao endeusamento do apôio incondicional a homens, isto sem que pense que o Presidente Vargas tenha quota-parte no que aconteceu.

Prossigo:

Rememorar, senhores deputados, a História do Amazonas é reviver negras injustiças, atro desprezo, criminosa apatia do Govêrno Central para com o Amazonas, enquanto que os amazonenses devotamos entusiástico e ungido amor ao Brasil, sem acalentar ódios, sopitando pensamentos separatistas, sempre ufanos em ser brasileiros.

Relembremos, por exemplo, a época em que a mitologia amazônica, consubstanciada nas lendas de riqueza e de mistério, atraíu, tragou ou fez sair do anonimato para a abastança ou para a celebridade, milhares de aventureiros que nos procuravam sondando as nossas florestas, pervagando os nossos rios e, às suas margens, plantando cidades — uns, avaros e gulosos de ouro, de riqueza fácil, outros de espécimes e teorias novos e, finalmente, alguns sedentos de prosélitos, de almas para o Reino dos Céus.

E' a fase histórica que já encontra o marco das legendas de Orelana, Pedro Ursua e Lopo Aguirre, e em que já se denotava a importância de nossas terras férteis, de nossas matas a oferecerem uma das maiores reservas florestais do orbe, onde, por intermédio do braço indígena, se colhiam as especiarias: tula, pita, salsaparrilha, cacáu, urucú, canela, canafístula, tartarugas, papagaios, "cahucho", baunilha, quina, manilha, sementes oleaginosas, madeiras de lei, etc...

E se a "droga do sertão", que estonteava a atividade cabocla, movimentando os braços em todos os sentidos, a pouco e pouco perde o seu prestígio; mercê da orientação que os padres Carmelitas e Jesuítas ministravam aos índios, erguiam-se plantações de cacauáis, algodoais, e cafesais, e aparecia, em envolver lento, mas seguro, a criação *vacum* que teve em Lôbo D'Almada um dos mais vigorosos pelejadores... Os sulinos ignoravam a nossa existência e se não fôra a genial personalidade de Tavares Bastos, que se atreveu desafiar a incompetência dos homens públicos do seu tempo e travou ingente campanha em defesa da Amazônia, e, talvez, ainda agora, as águas do Rio Mar continuassem fechadas ao Comércio Internacional...

Recordemos, conquanto perfuntòriamente e de passagem, êsses períodos em que, apesar de sábios como Agassis, Castelneau, Humboldt, Martius, Marbut, Katzer, Ducke, Derby, Saint-Hilaire, Ehrenreich e outros terem descrito, nos salões das Academias européias e em livros magníficos, a deslumbrante e misteriosa Hileia — o Amazonas não era conhecido além de suas fronteiras, como se, em sua volta, amortalhando-o, reinasse angustioso e inacústico manto — o manto do silêncio que tudo acobertava e comprimia, pelo menos para os nacionais, que, ressalvando-se uns poucos, quando não insultavam, grosseira e apedeutamente, a nossa terra e a nossa gente, como Alberto Rangel, engendravam as mais fantásticas hipérboles, cujos princípios decorriam de conceitos deterministas

Aos brasis do Sul não interessava a nossa existência, excetuando-se, apenas, na parte referente aos nossos rendimentos que eram sorvidos, voluptuosa e malagradecidamente, pelo Govêrno Federal sempre de cauce hiante e preparada a receber as rendas da Alfândega, do Correio... o nosso sangue, o que derramamos em Canudos, em Pôrto Acre... e, as vezes, para abocanhar o nosso território...

Exceptivamente fomos lembrados, tal lembrança, contudo, nunca nos beneficiou, antes, delapidou os nossos

cofres públicos, forçou-nos a aceitar candidatos que nem ao menos conheciamos, tirando-nos a emulação para servir e trabalhar por um Brasil maior e mais coeso, pois não éramos sequer considerados como pertences ao corpo da nacionalidade e, sim, monstruosa superfetação — casebre perdido no seio de palúdico deserto, quando o Amazonas se debatia contra as crises, e nos dias da fartura — pavorosa dispensa de tenebroso castelo feudal, mas procurada porque possuidora de auríferos filões...

E veio a época ou "ciclo do Ouro Negro' ... E o Amazonas comunicava-se diretamente com os países estrangeiros. Para o Velho Continente encaminhavam-se plantas em muda, sementes, madeiras, goma elástica, animais exóticos... e os filhos da terra, cuja instrução, abeberada em civilizações e terras diferentes, servia, unicamente, para criar desambientados, que, de retôrno à terra que os viu nascer, nem ao menos sabiam falar a língua mater.

Então, transatlânticos ancoravam em nossos portos, despachando cargas de tôdas as espécies e de tôdas as origens, deixando e carregando consagrados cientistas e palmeados artistas italianos, franceses, ingleses .. enquanto, já de volta, em seus bojos, levavam as nossas preciosidades e os nossos "coronéis", enriquecidos com o trabalho do índio e do nordestino, que, acossado pêla sêca e tangido pêla magnetizadora miragem da Amazônia, alí chegava em "gaiolas" com algumas dezenas de contos de dívida — infernal gargalheira que sòmente se rompia pela morte do patrão que arrastava centenas de vidas para a ruina e, também, para a libertação, ou, vezes sem conto, pêla morte do esquecido desbravador — seringueiro que fenecia sem a unção do beijo da noiva amada e distante...

E o Amazonas cresceu, fortaleceu-se, progrediu, esgalhando-se dentro da ambição sem freios e sem limites, dentro da economia destrutiva, mas esplendeu em realizações, que se originárias da ambição, da luta pela vida, da ânsia de renovação, da volúpia de enriquecer e melhorar custe o que custar, trazem o cunho dos esforços particulares, de particulares que sempre clamaram por proteção do Poder Central, — brasileiros que não obtinham respostas às suas súplicas de filhos que sempre contribuiram para o confôrto da casa paterna e que de seus pais não receberam sequer instrução primária ou profissional, segundo o testemunho abalizado do Sr. Alvaro Maia, naquele poema de submissão e revolta, de unificação e de separatismo, escrito e proferido em 1923: "Canção de Fé e Esperança"

Era a empreitada dos heroicos dias, dos momentos em que o "ouro negro", por entre a opulência do dinheiro fácil e dos rasgos nababescos, consumia trezentos mil mortos, cujo poema de luta olvidada, de sacrifícios ingentes, de audaz desbravamento, de intremulas conquistas, talvez em tempo algum, não venha, conquanto o merecesse, a possuir um Homero ou um Camões.

O SR. PRESIDENTE — Advirto o nobre orador de que o tempo está findo.

O SR. PLINIO COELHO — Nesse caso, requeiro a V Exª Sr Presidente, minha inscrição, para continuar amanhã.

O SR. PRESIDENTE — V Exª será atendido.

O SR. PLINIO COELHO — Agradecido a V Exª (*Muito bem. muito bem. Palmas*)

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr Plínio Coelho, primeiro orador do expediente.

O SR. PLINIO COELHO — Senhor Presidente, Srs. Deputados. Antes de continuar minha oração, dou uma explicação à Casa, que há de ter notado que, quando o nobre Deputado Flôres da Cunha lançou anteontem seu aparte derredor do verbo "premiar", fugi ou desejei fúgir ao debate frontal. E' que não pretendia eu transformar a Casa numa sala de aula. Mais ainda, o respeito que tenho ao Deputado Flôres da Cunha não permitia dissesse eu algo a Sua Excelência, sem antes falar-lhe pessoalmente sôbre o assunto.

Saído da tribuna, imediatamente procurei o ilustre colega e afirmei que S. Exª estava equivocado. Não concordou comigo. Autorizou-me, portanto, tàcitamente, a vir desta tribuna declarar que, quando usei a forma verbal "premeia" estava broquelado em nomes de notáveis cultores da língua portuguêsa. O Professor Júlio Nogueira, por exemplo, na sua obra premiada pela Academia de Letras, manda que se escreva e se pronuncie "premeie". Outros autores de igual renome asseveram categòricamente que, nas formas rizotônicas de verbos terminados

em iar, é permitido o emprêgo da desinência "eio" em lugar de "io".

O Sr. Vasco B. do Amaral, no "Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguêsa", à pág. 742 — (Consultei esta obra na Taquigrafia, quando fui fazer a revisão de meu discurso, porque estou sem meus livros, já que vim do Amazonas de avião e não me era possível trazê-los para um pequeno apartamento) — ensina: "premiar, no presente do Indicativo, é hoje mais vulgar e mais aconselhável: premeio, premeias, premeia, etc.".

Vê-se assim, Sr. Presidente e Senhores Deputados, que dei à Casa a necessária explicação.

Espero que a minha retificação não venha diminuir a amizade que dispenso ao nobre parlamentar gaúcho, amizade que nasce da admiração de todo brasileiro que o conhece pelos seus feitos e pela sua grandeza.

O Sr. Gama Filho — Apenas lastimamos o precedente, pois, se de agora em diante formos forçados a empunhar o lápis para tomar nota dos erros ou pretensos erros ditos da tribuna, fatalmente iremos transformar a colenda Câmara da Capital Federal num ambiente de aula de colégio. Foi profundamente lamentável o incidente.

O SR. PLINIO COELHO — Vossa Excelência há de convir que a culpa não foi minha. E o nobre Deputado Flôres da Cunha também, por certo, apenas pretendeu auxiliar-me, embora já tivesse eu lido os autores da língua, inclusive o proprio Antônio Chediak, professor do DASP, da Escola Ténica Nacional...

(*Lendo*):

No mercado, a procura do precioso *latex* fez-se farta messe. A borracha alcançava preços que jamais retornarão. A Amazônia era o El-Dorado da lenda! Em 1912 contribuíamos com quase cinqüenta por cento (50%) para o Orçamento da República! Sòmente de borracha, durante os anos de 1908 e 1912, o Amazonas, Pará e Acre deram de receita à União cento e oitenta e cinco mil seiscentos e cinqüenta e dois contos de réis ..... (185.652$000), ou sejam no câmbio da época, doze milhões e quatrocentos mil libras. Com êsse dinheiro o Govêrno Central, esclarece-nos o Senhor Simão da Costa em conferência pronunciada no Palácio Monroe, de quando do término de 1.º ciclo do Ouro Negro, o Govêrno Central

> "importou milhares de imigrantes para o sul; saneou-se e embelezou-se o Rio de Janeiro; construiu-se milhares de quilômetros de estradas de ferro no Sul: e muitos outros melhoramentos, materiais, edifícios imponentes, obras de utilidade pública, *para uso, gozo e exclusivo benefício do sul do pais.*"

A preciosa semente de "hevea brasiliensis", infelizmente, não mais nos pertencia. No Oriente a seringueira frondejava e recebia os primeiros "cortes". Perdiamos assim pelo descaso, insensatez e *"patriotismo"* dos poderes constituidos, na concorrência — o nosso prestígio! A mais e mais se delineava a derrocada de nossa economia. E a miséria chorou sôbre a Amazônia! e bateu em nossas portas! e habitou em nossas choupanas!

O Govêrno Federal sempre solicito em sorver as nossas rendas, que fez para amenizar a assustadora crise? Quais foram suas atitudes na salvaguarda do futuro do Vale e de seus filhos? Que tentou fazer em defesa do nosso patrimônio ou a prol do nosso principal produto?

Nada! Desgraçadamente, nada! Ensaiou, apenas, um plano. Mandou Mensagem ao Congresso Nacional. Este elaborou a Lei número 2.543-A, de 5 de janeiro de 1912, regulamentada pelo Decreto número 9.521, de 17 de abril do mesmo ano. Plano de defesa da borracha? Não. Ministério de sinecuras para os lovelaces e vivedores da Avenida Rio Branco. Até assim, após um ano, cinco meses e dezoito dias, quando os afilhados, naturalmente, já estavam nomeados para cousa melhor a Superintendência foi extinta. Marcava-se, naquele fatídico ano de 1914, o primeiro golpe oficial contra a produção gomífera, talvez sob a pressão dos que, no Oriente, já estavam colhendo o precioso *latex*, graças à falta de patriotismo dos vendilhões da Pátria que permitiram o criminoso carreamento das sementes da seringueira, repetimos.

Nada, pese-me afirmá-lo. A borracha não era um produto igual ao café, diziam. Não merecia, portanto, as vistas e os afagos paternais das autoridades sulinas, sempre e sempre voltadas para os seus interêsses individuais, sintetizados na ardência de se manterem em seus cargos, como insaciáveis carrapatos...

Os amazônidas, mormente os amazonenses, não compunham um respeitável número eleitoral, pois que a sua densidade demográfica, diminuta demais, não permitia confronto, nem concorrência, com os outros Estados possuidores de maior população, e, como tal, agraciados com mais eleitores que precisavam satisfeitos nos seus grandes empréstimos, nas suas grandes empreitadas. Era a mentalidade do tempo que assim argumentava: a riqueza de um Estado está na razão direta do seu número de votos. E riqueza significa importância, quer dizer prestígio, subentende compensações vultosas!

Tais injustiças, porém, possuiam raizes profundas! Eram conseqüências das lições do pretérito.

Ainda no alvorecer, quando iniciava os seus passos, quando despertava para a vida sob o energitismo fecundo dos heróis desbravadores de serenos ou encachoeirados rios, de majestosas e virgens florestas, lutando contra as doenças, as pragas e os animais selvagens, na ânsia indeclinávelmente bendita e santificante de vencer e aproveitar a "selva selvaggia", o Amazonas já sofria por seus irmãos, compreendendo, sentindo e solidarizando-se ao gesto de Pedro I, ao romper êste as cadeias que nos prendiam a Portugal, e, todavia, em que pese a data de 9 de novembro de 1823, se consagrava a primeira injustiça ao Amazonas — éramos incorporados ao Grão Pará, laços que sómente foram rompidos em 1850, após ingentes e glorificantes lutas, dêsde a dos memoriais, como os das Câmaras de Barcelos e Silves, até as das indisciplinas coletivas, e em cujos movimentos se distinguiram nomes como os de Lôbo D'Almada, Dom Romualdo Antônio de Seixas e outros que guardamos no amorável escrínio dos nossos maiores.

Depois, perpetraram-se outros e outros atos de insulto à nossa dignidade, de desprezo às nossas cousas. Acentuaram-se as divergências entre o Norte e o Sul, entre o Pará e o Amazonas, — o primeiro já considerado Estado do Brasil e o segundo um satélite sem importância, daquele. Exemplo? Renovemos a leitura aos nossos escritores, a começar pelo conselheiro José Nabuco de Araújo e Barão de Cotegipe e a terminar em Sílvio Romero e Tristão da Cunha. Exemplo? Aí está a transferência da sede da Região Militar e a da Flotilha do nosso Estado que é limítrofe com quatro repúblicas estrangeiras e uma colônia européia, para a Capital do Estado vizinho, Belém do Pará, além da identidade do caso ocorrido, logo depois, com a nossa Estação de Rádio, com o laboratório de Análises da Alfândega, etc.

Valem recordados, como lição do passado para o presente, os ensinamentos do Sr Álvaro Maia, quando interpretava, sôbre o mesmo assunto, o pensamento dos moços amazonenses:

> "O Amazonas, pezar de novo, entregou e entrega milhares de contos ao govêrno federal em sucessivas arrecadações; guerreou heròicamente em Canudos; auxiliou a revolução acreana e precipitou os acontecimentos que deram origem ao tratado de Petrópolis, impede, bem ou mal, que estrangeiros se assenhoreiem das nossas terras, como acontece na zona do Rio Branco; cede os seus próprios para funcionamento de repartições de exclusiva atribuição do govêrno federal, que não o indeniza no mínimo ceitil; assiste, na resignação da impotência, que lhe deturpem a vontade popular aceitando como representes, medalhões falsos, que lhe não prestaram talvez o raro incentivo de uma palavra... Além das obrigações estrictamente necessárias, como o rádio e as repartições arrecadadoras, eu queria saber em satisfação aos impostos que pagamos, quais os obséquios recebidos... Defesa da Borracha? Haveis de concordar que foi carniça para engordar os tubarões e as piranhas da Avenida Central com ordenados fabulosos.
>
> Apôio à borracha em ocasiões difíceis? A Associação Comercial responderá qual o papel representado pelo Banco do Brasil com sua entrada nos mercados, nos anos calamitosos da guerra.
>
> Valorização da Borracha? Ainda em mil novecentos e vinte e um, o Dr Epitácio Pessoa negava o menor auxílio a êss produto, sob sofisma de não ser igual ao café.

Transporte? O comércio exportador dirá o que foi essa crise no período alarmante da catástrofe mundial, e até poucos meses qual a utilidade do Lóide Brasileiro, companhia oficial, enquanto os seus

navios apodreciam nos estaleiros europeus...

Como documento historico que ratifica de maneira irrefragável o nosso pensamento, tudo quanto temos dito, é êste trecho do discurso do Dr Luciano Pereira, pronunciado em sessão desta Câmara a 9 de dezembro de 1913:

"A política até hoje seguida para o Norte, não é o melhor caminho para manter a unidade nacional.

Causas de ordem geográficas já separaram as duas regiões, às quais se vieram juntar outras mais fortes e de ordem étn cas, comprometendo, no futuro, a integridade da Pátria.

E' irritante a preferência profundamente odiosa dispensada ao Sul, podendo dar isso lugar a desejos separatistas O Sul tem uma supremacia absoluta política e administrativa, (de que convém não abusar) ficando para si com todos os proventos e deixando para o Norte apenas os encargos".

Depois de comprovar com algarismos as suas asseverações, acrescenta o incompreendido parlamentar:

"O Norte dá à União perto de 200 mil contos anualmente, dos quais lá se gastam pouco mais de 50 mil, ao passo que no Sul se arrecadam 314 mil contos em papel e 88 mil em ouro, e gastam-se 332 mil contos em papel e 16 mil em ouro".

Esquecidos, enganados, malquistos, cobiçados, traídos, espoliados, desconhecidos, insultados, feridos, malsinados e ofendidos, ainda assim continuávamos na marcha progressista, em luta contra a crise que nos asfixiava sob os tentáculos da gula, da incúria e avareza dos governantes; ainda assim o separatismo, conquanto houvesse encontrado um campo adubado por tôdas as ingratidões, não medrou, se não desenvolveu em nossa vida; ainda assim cantávamos, como cantamos, ditirambos ao Brasil, como célula do Brasil indesintegràvelmente unido.

E o Amazonas não morreu e nem agora, ressurge, porque apenas sofreu um colapso na sua econômia, que, gradativamente, se refaz...

* * *

Um dia, porém, a incendida aurora raiou e acendeu o fogo da rebeldia nos brasileiros... O Brasil ergueu-se e, de pé, armas na mão, esplendente, consagrou o vulto-síntese de nossa tradição esquecida, de nossos maiores olvidados, de nossos ideais deturpados, de nossa gente amesquinhada, ferida e escravizada pelo politiqueiros, pelos leguleios de um pretérito que ainda hoje nos desonra!

E e o Sr Getúlio Vargas, canditado à Presidência da República, o em, a 2 de janeiro de 1930, na sua plataforma lida na Esplanada do Castelo, vivendo os problemas brasileiros e buscando-lhes esclarecidas soluções, antever o futuro da Pátria, realmente governada pelo seu Povo, sem leis ditadas pelo egolatrismo dos homens públicos daquele tempo, possuidora de uma satisfatória justiça social, com o aproveitamento exato e preciso de seus múltiplos fatôres econômicos, a par doutros melhoramentos como o da instrução do povo, o do saneamento de tôdas as regiões e a da integração do operariado à célula viva da nacionalidade!

E, no supralembrado documento, a Amazônia é recordada, compreendida e vista por um gaucho, mas brasileiro-sinopse da mentalidade unitaria de um Brasil redivido, cujo heroismo e energitismo fôram entoados à orquestração sibilar de fratricidas balas, que nos acordaram para a siderante e cívica, elevada e sinérgica marcha de procura do roteiro perdido...

Nessa peça — granítico divisor de uma era e de um ideal que não murcha, nem se descolora pela poeira do tempo, olhos voltados para a grandeza de um Brasil brasileiro e o pensamento a pousar sôbre uma Amazônia positivamente integrada no corpo da Pátria, afirma:

"Outra consequencia lógica de sistematização e de desenvolvimento dos serviços nacionais de instrução, educação e saneamento, será o estudo da Amazônia".

A seguir, depois de um visionar apodítico, ei-lo a assegurar com a firmeza e a prfundidade que lhe são costumeiras:

"Êste é sem dúvida, um dos mais graves e complexos problemas da atualidade brasileira. Da sua solução efetiva dependerá a reconquista da nossa posição, que tão relevante foi, nos mercados mundiais da borracha".

Em verdade, aproveitar a Amazônia, fazer-lhe a sinergia de uma imensa e inexplorada potencialidade e saneá-la como preparação a "receber o elemento alienígena", eis a po-

lítica que deveria seguir o Senhor Getúlio Vargas, quando presidente.

Infelizmente, senhores deputados, o Brasil é grande demais e seus problemas de suma complexidade. O Amazonas, por isso, continuou olvidado pelo Govêrno Central que nem mesmo pôde olhar para as nossas fronteiras. Mantínhamo-nos embalados — sonhadores que somos — nas promessas da Esplanada do Castelo, sonho e ilusão que chegaram a se corporificar na Emenda n.º 1.052, — que incluía na Constituição de 1934 a obrigatoriedade da União defender a Amazônia, e estava subscrita pelos líderes das grandes bancadas, como as de São Paulo, Minas, Rio, Bahia, Pernambuco.

Consubstanciavam os constituintes o pensamento do grande Presidente Vargas, e a própria assinatura do então líder da maioria — Deputado Medeiros Neto — indicava que o sôpro vital partira do Catête. Engano triste e lerdo A emenda, após acolhida e constando do art. 197, da Emenda n.º 1.954, é derrubada a requerimento do próprio líder Medeiros Neto que justificou o seu proceder sob a alegação de que a Amazônia não podia ser tratada isoladamente, preferencialmente, como se os seus problemas não envolvessem um grande problema nacional, como se na dita Carta não já estivesse constando o preceito que objetivava defender o Nordeste das sêcas ...

Pese-nos dizê-lo, mas não posso silenciar na asseveração de que, de 1930 a 1937, afora a entrega de parte da importância que nos é devida pela União em consequência da incorporação do Acre — o que, aliás, significava muito para a mentalidade retrógrada e isolacionista do tempo — nada mais deu, nada mais construiu o Govêrno Central no Amazonas, prêso que estava o Presidente Vargas ao jôgo tentacular e vampirizante dos grandes Estados.

Se, entretanto, o matraquear das metralhas e o ribombar dos canhões de trinta, como o clarear dos obuses, não permitiram — porque ensurdeceram, porque cegaram e serviram ao demagogismo, aos bonzos ludibriadores, aos vorazes apetites de uma minoria desenfreadamente ególatra e traidora, se êsse estrugir pirotécnico não permitiu que a Amazônia fôsse ouvida e o Amazonas contemplado, o silêncio do "Golpe de Estado" consentiu que os nossos apêlos se fizessem audíveis, os nossos clamores escutados ...

E' que ao reentrar o Brasil para o verdadeiro caminho democrático, — apontado por Silva Jardim, Aníbal Falcão e José do Patrocínio, isto é: para o govêrno que segue e quer compreender as aspirações populares, conquanto temporàriamente, sem Assembléias, Câmaras e Senados, o Amazonas, pesar de milionário em potencial, mas, em verdade, esquelético, roído, espoliado, repelente, faminto — descarnadas mãos voltadas para os seus irmãos, pede-lhes, roga-lhes a colaboração, para que, com a junção de todos os esforços, pudesse satisfazer a dívida que nos legou o passado: quatrocentos e setenta e três milhões, duzentos e cinquenta e cinco mil novecentos e dezesseis cruzeiros e sessenta e três centavos (Cr$ 473.255.916,63) — Proveniente da interna: trezentos e noventa e um milhões, seiscentos e cinquenta e cinco mil seiscentos e cinco cruzeiros e oitenta centavos (Cr$ 391.655.605,80, e mais oitenta e um milhões, seiscentos mil e trezentos e dez cruzeiros e oitenta e três centavos (Cr$ ..... 81.600.310,83), da externa.

E em que pese uma das razões do Golpe, o Amazonas continuou de ressequidas mãos voltadas para o Brasil, a esportular e a sorrir, a submeter-se sem rebelar-se, a confiar desconfiando, sem ser atendido ou escutado, visto ou sentido, até 1940. E' que, se para alguns Estados do Sul e Nordeste, o Presidente Vargas só pôde apresentar-se como o homem providencial, que é, depois de 37, para o Amazonas apenasmente em 1940, — quando, de fato, viu a Amazônia, visitando o Amazonas, é que nos apresentou o sinete, a característica inconcussa do homem representativo, porque, então, passamos a ser olhados e interpretados, objetivamente, pelo Govêrno Federal.

* * *

E, ao vê-la, surgiu o brado de revolta, o desmentido formal contra os que caluniam o nosso clima, obstando que as grandes correntes migratórias acresçam o nosso índice demográfico, derrotando, assim, aquilo que êle considera o "grande inimigo" do Amazonas — "o espaço imenso e despovoado"; contra os que vulgarizam a "noção, hoje desautorizada, de que as terras equatoriais são impróprias à civilização", isto porque — acrescen-

ta o Presidente Vargas — "os fatos e as conquistas da técnica provam o contrário e mostram, com o nosso próprio exemplo, como é possível, às margens do grande rio, implantar uma civilização única e peculiar, rica de elementos vitais e apta a crescer e a prosperar"; contra os que erguem as suas trombetas hiperbólicas em ataques, os mais díspares e malsinadores, à Natureza amazônica, quando esta o que "oferece é uma dádiva magnífica a exigir o trato e o cultivo da mão do homem".

E, ao vê-la, compreendeu a espetacular vitória do amazônida, particularmente do amazonense, que, a pouco e pouco, conquista a terra, domina a água, sujeita a floresta e saneia o Vale, em "luta, que já se estende por séculos"; sentiu a epopéia do nordestino, o bandeirante audaz, "embrenhando-se pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre para deslocar-se logo segundo as exigências da própria atividade nômada"; contemplou os naturais "à margem dos rios, com a sua atividade limitada à caça, à pesca e à lavoura da vazante para o consumo doméstico"

E, ao vê-la, com a sua visão de estadista invulgar, lecionou-nos que, "da colonização esparsa, ao sabor de interêsses individuais, consumidoras de energias com escasso aproveitamento, devemos passar à concetração e fixação do potencial humano" e que "o nomadismo do seringueiro e a instabilidade econômica dos povoadores ribeirinhos devem dar lugar a núcleo de cultura agrária onde o nacional, recebendo gratuitamente a terra, desbravada, saneada, e loteada, se fixe e estabeleça a família com saúde e confôrto".

E, ao vê-la, não lhe escapou a porfia titânica que secularmente, vem sendo travada entre o estrangeiro ambiciosamente açambarcador e o filho da terra, acomodatício, mas de energia intrêmula e decidida Então, soube visionar o esmagamento gradativo de que o caboclo vem sendo o paciente, ante a ambição latifundiária do imigrante que se não sacia com os quilômetros de gleba de sua propriedade, porém, quer ainda o casebre rústico, o terreiro do barraco e a clareira da roça onde o posseiro imemorial vive despreocupado, consumindo "energias em escasso aproveitamento".

Depois de um exame assim, prometeu, ou se comprometeu" conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua fôrça cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada" — mandando, para isso, estrangeiros colaborar conosco, os quais levariam suas reservas técnicas e auríferas, sem intúitos dominadores da terra, que de direito pertence ao amazônida, até bem pouco tempo asfixiado pelo abraço letal dos apuiseiros mortíferos; para isso teríamos os braços nacionais que necessitamos, braços que receberiam a terra saneada, loteada, permitindo a fixação cômoda e confortável de novas famílias, de novas energias: para isso teríamos a campanha saneadora do grande Vale, com a criação de órgãos do Govêrno Federal encarregados de combater as doenças oriundas dos alagadiços, de águas paradas, da incúria dos nossos governantes; para isso, com o dinheiro federal, conseqüente do preço da boracha, os produtores teriam empréstimos fomentadores da produção extrativa e agrária, além de técnicos estrangeiros e nacionais os quais todos os esforços dispenderiam para que aumentada fôsse a nossa produção agrícola, fornecendo-se sementes, mudas e compradores para os produtos.

E passaríamos a ser reconhecidos e amados, relembrados e queridos pelo resto do Brasil, graças ao desejo sadio do sempre combatido, mas, igualmente sempre vitorioso Presidente Vargas, em querer tornar real as assertivas de Humboldt e de Roosevelt; em reconhecer as verdades antropogeográficas de Araújo Lima e os planos magníficos de Tavares Bastos e Lôbo d'Almada; em interpretar a Amazônia, na magnificência de suas fôrças adormentadas, visionando-lhe um futuro majestoso, na espetacular rutura da cripta de cristal inacústico, que permitiu ficássemos tanto tempo desconhecidos.

Deixando de ser o enteado do Govêrno Federal, o Amazonas integrar-se-ia — não há negar — para sempre, ao rítmo acelerado e estonteante da civilização atual e, o que é melhor para nós brasileiros de todos os momentos e de tôdas as lutas, viveria o próprio viver do cerne da nacionalidade, fremindo e vibrando, num estuamento sacrossanto da soerguida brasilidade.

E, enquanto o amazonense concorria com aquêle "quinhão de esfôrço', com aquela "admirável audácia de desbravadores", a que se refere o consagrado autor do "Discurso do Rio Amazonas", aguardávamos a realização ou a tentativa de realizacão. ou melhor: a ardência no transmudar para o campo real, para a labuta trepidante de todos os momentos, como para a arrancada ciclópica do progresso, a par do completo exponenciar do amazônico, dentro da nossa augusta e amada Pátria brasileira, das augurais e módulas promessas, que ouvimos com os lábios em prece, o coração ungido de hígido patriotismo, a 10 de outubro de 1940.

E, em verdade, o Amazonas sentiu o desvirginamento dos seus céus pelas asas dos aviões pilotados pelos "aero-homens" ou ali — homens da Planície.

E, então, vimos barcaças, lanchas e navios engrossarem a nossa reduzida frota mercantil, cujas naves, percorrendo os "nosos caminhos que andam", das nascentes às embocaduras, a mais e mais, nos unem e, mais a mais, nos fazem "encolher' para a descoberta de nós próprios para a grandeza eternal de um Brasil mais conhecido e povoado.

E, então, contemplamos aportarem às nossas plagas "estrangeiros, técnicos e homens de negócios", que foram colaborar conosco na inclusão da Amazônia ao "corpo econômico da Nação", "como fator de prosperidade e de energia criadora", os quais estiveram, ali, aplicando "sua experiencia e seus capitais, com o objetivo de aumentar o comércio e as indústrias e, não, como acontecia antes, visando formar latifúndios e absorver a posse da terra que, legitimamente, pertence ao caboclo brasileiro", conforme bem salientou o Presidente Getúlio Vargas

E testemunhamos, em pleno século XX, agora de nordestinos, o desfraldar de novas "bandeiras', que deveriam dilatar nossas fronteiras, povoar o nosso solo e acelerar o rítmo de nosso progresso, aumentando o nosso patrimônio cultural e sócio-econômico, fazendo-nos conhecidos no mundo inteiro pela posição de vanguardeiros na retaguarda a prol das Nações Unidas, da liberdade dos povos e garantia dos Direitos do Homem, no conflito que, ontem, avassalou o mundo, comprimindo-o, conspurcando-o, destruindo-o, espezinhando-o e deprimindo-o.

E observamos o retornar das grandes levas "cearenses", agora, protegidas, amparadas e assistidas pelo Govêrno Federal, o que, nos dias de ontem, não ocorria, sabido que os nordestinos que, antes, aportavam na Amazônia iam financiados pelos patrões e chegavam aos seringais já presos por dantescas gargalheiras de mantimentos, segundo nos descreve o cinzelador português de "A Selva" !

E o seringalista foi incentivado a mais produzir a imprescindível goma elástica da guerra moderna, já por intermédio de financiamentos oficiais, já pela isenção de impostos já em resguardo da Pátria e respeito às nossas tradições.

E notamos algum esfôrço oficial para que a nossa produção de assências vegetais de fibras e outros produtos fôsse melhorada e aumentada, no aproveitamento das lições das crises advindas da monocultura da borracha, não se logrando melhor êxito, face à egocêntrica e prejudicial política dos norteamericanos que, de fato, dirigiam o Banco de Crédito da Borracha.

Presenciamos, amazônidas e alienígenas, ombro a ombro, tomarem parte na mais monumental e dignificante batalha — a batalha contra a malária que, se bosquejada carinhosamente pelo grande e pranteado Oswaldo Cruz, nas tentativas de 1912, 1913, 1922 a 1925, com o Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural, sòmente com o pranteado Evandro Chagas teve, após 1940, o seu *climax*. E o S. E. S. P. ainda é uma realidade sôbre o mais terrível inimigo do homem equatorial.

E surgiram os oganismos: R. D. C., S. E M. T. A., S. A. V. A., S. N. A. P. P., B. C. B., C. A. N. A., E. T. M., S. E. S. P., I. A. N , etc.

E, finalmente, o Amazonas veio. à encenação miraculosa do orquestrador do nosso progresso, a oxigenar-se e a reviver, e oxigenado e redivivo, por um brado de comando em sua defêsa, dar-nos a esperança de que não longe se encontra o sonho de Humboldt, ratificado nestas palavras do Presidente Vargas:

"O Amazonas, sob o impulso fecundo de nossa vontade e de nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da terra, e, equiparado aos outros grandes rios, tornar-se-á um capítulo da história da civilização"

Mentiríamos, negaríamos o nosso passado se disséssemos que tudo correu bem, que os amazônidas ficaram plenamente satisfeitos com o que se fez no Vale. E' que, conquanto a promessa, em si, haja sido cumprida; conquanto a Amazônia passasse a ser considerada brasileira; conquanto asas de aviões tivessem sombreado os nossos céus; conquanto algo fôsse feito a prol do aumento de nossa frota mercantil, conquanto americanos do norte, acompanhados de capitais e de técnicas evoluídas, ali tenham estado, visando "aumentar o comércio e a indústria"; conquanto nordestinos lá tivessem aportado; conquanto as nossas rendas traduzissem abastança e dinheiros fáceis; conquanto se divulgasse e materializado fôsse o incentivo à melhor e maior produção de borracha; conquanto a saúde pública tivesse sido olhada; conquanto a educação e a fixação do homem ao solo não tivessem sido olvidadas; conquanto bem intencionado tenha sido o Govêrno Central, nem o mínimo do que poderia ter ficado construído, pode ser mostrado ...

A culpa do fracasso, quanto à utilização dos "soldados da borracha" foi assumida pelo Sr. João Alberto. Outros, responsaveis por outros serviços, aqui e alhures, mortos e vivos, não tiveram e não têm essa coragem ... e silenciam e silenciaram ou se defendem tìbiamente sem bater a mão no peito, para a verdadeira *mea culpa*, irresponsáveis que são pelo horror que têm à responsabilidade. na expressão de Emile Faguet.

Apesar dos erros e falhas do programas, motivados mais pela guerra, exigente de pressa — a maior inimiga da perfeição — e pela desonestidade e impatriotismo dos homens encarregados da execução, do que pelas linhas mestras, do que pelas arquitraves do edifício que se tencionou levantar — uma verdade ressalta: A Amazônia foi lembrada, o Amazonas não esteve esquecido. Não se poderia mais falar em plano nacional sem incluir o Paraiso Verde.

Realmente, se Artur Neiva, o grande deputado baiano, teve, em 1934, a sua emenda rejeitada, em 1946, o pranteado deputado Leopoldo Péres, pertencente, embora, a uma bancada desprestigiada, porque numéricamente pequena, viu a sua idéia acolhida carinhosamente por parte de tôdas as bancadas constituintes que não fizeram sómente sua a idéia de Artur Neiva, como também, no artigo 199 da Constituição Federal, a ampliaram, determinando o *quantum* anual para a recuperação do Paraiso Verde.

Quatro anos se passaram e o plano de valorização da Amazônia não saiu das gavetas ou das pastas dos senhores parlamentares! Apenas algumas verbas eleitoreiras para a construção de uma escola no Município X ou de alguns cruzeiros para a Instituição Y! Em verdade, nada se fêz na execução do plano Vargas. Belém e Manáus, os dois maiores centros industriais da Amazônia, continuam sem energia elétrica, embora o Estado do Pará haja recebido, reconhecemos, verbas para êste mistér! O saneamento da Amazônia, como a sua navegação e a sua produção, tiveram os seus órgãos — SESP, SNAPP, BCB — tolhidos, adotando-se a criminosa política de completo esquecimento do roteiro de salvaguarda da economia do Vale. A obra de Vargas não possuiu continuador, apesar da boa vontade algumas vêzes demonstrada pelo General Dutra; e o pouco que se fêz foi de olhos voltados para o Pará!

Para que se encaminhasse algo para o Amazonas, foi necessário que os seus parlamentares desenvolvessem, no Congresso e nos Ministérios, a um tempo, atividades hercúleas de legisladores e pracistas, e o então Governador Leopoldo Neves, eleito pela Coligação P T B. — U D. N., viesse ao Rio prestar vassalagem ao Presidente Dutra, chegando ao ponto de depositar nas mãos presidenciais o cargo que lhe confiára, em má hora, o povo amazonense, e, mais, prometer guerra sem quartel, ao "queremismo", o que cumpriu à risca, pois, ao voltar, proibiu, inclusive, que, até no P.T B. se falasse no nome do grande proscrito — Getúlio Vargas!

Apesar dêsse capachismo, nada, ou quase nada, se fez à prol do Reerguimento do Amazonas, plantando-se, ùnicamente, nos quintais dos situacionistas, pés de couve, cujas fôlhas foram comidas, logo, pelos acrídios da situação! O mesmo deve ter ocorrido,

segundo se infere do noticiário veiculado pela imprensa do País, no vizinho Estado do Pará, se me permite a bancada paraense a presente intromissão.

Exagêro? Hipérbole? Não, assim vejamos. O SESP, criação do Presidente Vargas a fim de, precípuamente, sanear o Vale, através de esclarecida e moderna Saúde Pública, a que papel foi reduzido? Ao de emprêsa construtora. Aquí, instalar um serviço de luz; acolá, construir um hospital: e, alí, renovar trechos no encanamento de água; nem sempre se saindo airosamente dessas empreitadas, como aconteceu em Manáus, onde, ao ser inaugurado ou experimentado o serviço de reforma da velha rêde de Cachoeirinha, os novos canos se romperam, embora diminuta fôsse a pressão do precioso líquido — é que o material, adquirido, a bom preço, — assim falam os relatórios — como de primeira qualidade, não passava de refugo da última espécie!

Educação? A Escola Técnica de Manáus, também criada pelo Presidente Vargas com o escôpo de formar técnicos, possuindo internato para os filhos do interior do Estado e externato para os que residem na Capital, não foi melhorada e nem, nela, se instalaram cursos especializados que se fazem precisos após à conclusão dos iniciais, o que o será sómente agora pelo Presidente Vargas, na execução das diretrizes que traçara em 1940 e que foram interrompidas pelos "salvadores da Democracia" em 1945!

Construção de Escolas? Das 123 programadas para o período que vai de 1946 a 1948, apenas 48 foram construídas, sendo que quase tôdas representam autênticas barracas pré-fabricadas da pior madeira que, criminosa e despudoradamente, podia ser utilizada! Objetivando novas construções, o plano nacional reservou, para os anos de 1949 e 1950, a importância de quatro milhões e duzentos mil cruzeiros (Cr$ 4.200.000,00), e até hoje o Amazonas não viu tal dinheiro, talvez porque, — e aqui defendemos, em nome da verdade, o General Dutra, — o Governador Leopoldo Neves não haja prestado, como não prestou, contas de dois milhões e novecentos mil cruzeiros (Cr$ 2.900.000,00), recebidos para êsse fim, assim como não disse em que consumiu um têrço (1/3) da verba consignada para a construção de grupos escolares em Eirunepé, Manacapurú e Benjamin Constant, razão por que os dois têrços (2/3) restantes não foram conduzidos ao Estado.

Federalização da Faculdade de Direito? Embora os seus estudantes não tenham obtido vantagens de qualquer espécie, pelo menos até o presente, não só porque os diplomas eram, antes da reforma, também válidos em todo País e o ensino não melhorou, continuando a mesma licenciosidade nos exames, provas e frequência dos professôres, como também porque até hoje não se abriram inscrições para os concursos de provimento das cátedras vagas — e são tôdas elas — e os alunos passaram a pagar taxas, o que não ocorria no passado; apesar disso, se devemos alguma gratidão em consequência dêsse ato, esta deve ser votada, principalmente, ao Congresso Nacional e ao prestígio individual dos interessados no repasto das cadeiras e cargos administrativos, valorizados pelo dinheiro federal. Mesmo assim, provando o nosso reconhecimento já agraciamos o ex-Presidente com o título de "Doutor Honoris-Causa", pela Faculdade de Direito (federalizada) do Amazonas.

Ensino supletivo? Das 100 escolas registradas poucas realmente existem e dessas um não pequeno número funciona precàriamente. Eu gostaria de saber quantos adultos deixaram de ser analfabetos nêsses últimos anos, no meu Estado, pela ação dessas escolas. Na nossa terra êsse movimento, servindo aos interesses eleitorais dos grupos que estão no poder, representa, autêntica farsa.

Amparo a Economia do Vale? E' de indignar, de provocar cólera, de bradar aos céus a incúria ou apatia, desleixo ou cinismo da passada administração, no que diz respeito a êsse gravíssimo problema — tão amazonense quanto amazônico, tão amazônico quanto brasileiro. O que se fez contra a economia das terras banhadas pelo maior rio do mundo ou se deixou de fazer a seu favor não significa um delito apenas contra o Amazonas ou Pará, isto é, contra a Amazônia, mas, igualmente, contra o Brasil.

Defesa da Borracha? Que diga o Ministério da Fazenda quanto em divisas, que poderiam ser poupadas para outros fins, está custando ao Brasil a importação do similar Oriental.

Chamados a esmagar o nazi-nipo-fascismo demos o melhor dos nossos esforços, não sòmente oferecendo em holocausto da Pátria a vida dos nossos filhos e irmãos que tombaram nos nevados campos e montanhas italianos, como também consagramos nossas energias no imprescindível aumen-

to da indispensável produção gomífera à Vitória da causa dos Direitos do Homem.

As estatísticas, em se comparando a produção da borracha com a dos demais produtos, falam melhor:

Percentagem da borracha sôbre a produção total

Estados	1941	1942	1943	1944	1945
Amazonas	37,91	43,23	50,99	53,60	62,02
Pará	19,48	24,53	23,10	26,02	23,45

Êstes números, indicando qual o nosso quinhão de esforços à Vitória dos Aliados, sabido que a guerra moderna deslisa sôbre *latex*, falam-nos do valor da *hevea* na economia amazonense.

Depois disso, terminada a guerra, impunha-se, por um imperativo nacional, a adoção de medidas que, a par de garantir os excedentes da produção gomífera no Norte, permitissem o progresso da indústria no Sul. E surgiu a Lei n.º 86, de 8 de setembro de 1947 O quadro que temos hoje daguerreotipa com mestria o que se fez: estrangulou-se a produção do Norte, hipertrofiou-se o crescimento da indústria do Sul.

A administração do General Dutra é responsável por êsse atentado dirigido contra a economia amazônica. Enquanto a indústria retirava dos estoques mantidos no Sul pelo B.C.B — o que por si só significa um financiamento indireto — a quantidade de borracha que desejava para pagar dentro de noventa dias, o seringalista recebia apenas sessenta por cento (60%) do valor da borracha que entregava ao Banco, cabendo-nos ressaltar que êsse *valor*, na classificação do *latex*, feita pelo B.C.B não coincidia nunca com a qualidade real do produto vendido — o produtor era sempre furtado Daí os inexplicáveis lucros do Banco!

O Sr. José Matos — O Banco de Crédito da Borracha mantinha os estoques nas praças do Rio e São Paulo porque assim determinava a Lei n. 86. — Diretores do Banco e presidente cumpriram apenas a lei, que não foi, como V. Ex.ª diz, votada pelo General Dutra, mas pelo Congresso.

O SR. PLINIO COELHO — Eu não disse tal. Foi S. Ex.ª, entretanto, quem a sancionou, quando poderia tê-la vetado se era prejudicial à Amazônia

A negra história dessa instituição ainda não foi contada. Nela, ver-se-á, ao tempo em que se caloteavam seringueiros e seringalistas, sob a alegação de falta de fundos o desvio de capitais para outros místeres, aqui no Sul: nela, escandalizar-nos-á a venda dos remanescentes do acêrvo da R. D. C., calculado em quase dez milhões de cruzeiros (Cr$ ..... 10.000.000,00), por oitocentos mil cruzeiros (Cr$ 800 000,00), a ser liquidada em três (3) anos; nela, compungir-nos-á assistir os produtores do Amazonas mendigarem, diàriamente, alguns centavos para alimentar os seus empregados, enquanto o Banco retinha milhares de cruzeiros pertencentes aos esportulantes. Mas não vamos, pêlo menos por enquanto, contar a história dessa instituição. A consequência da sua atividade aí está viva, incômoda, desafiadora, a apontar ao mundo o gráu de incapacidade a que podiam chegar os nossos dirigentes.

O Sr. José Matos — Podemos considerar essa lei, dada pelo Presidente Dutra e por esta Casa, de antieconômica, mas foi, de fato, lei de salvação do Vale Amazônico

O SR. PLINIO COELHO — Em parte concordo. Mas V. Ex.ª terá

oportunidade de justificar o procedimento do Presidente Dutra. As consequências dessas atividades, entretanto, estão a apontar ao mundo o gráu de incapacidade a que puderam chegar os nossos dirigentes, repetimos.

Mais uma vez fomos vencidos na guerra que nos movem as forças internacionais. Mais uma vez aquelas palavras de escárneo dos ingleses, derredor do Regulamento da Defesa da Borracha e rememoradas não faz muito, pelo grande estudioso de economia da borracha que é o Sr. Cassio Fonseca ressoam aos nossos ouvidos:

> "E' muito bom, realmente — diziam os ingleses, — mas que os nossos trabalhadores do Oriente não se inquietem: o que ali está é trabalho muito grande para ser realizado por um povo tão pequeno como o do Brasil".

O Sr José Matos — A questão da borracha, que foi a Cr$ 18,00 durante a guerra, não se originou de atos do govêrno do Sr. Getúlio Vargas.

O SR. PLINIO COELHO — S. Ex.ª está enganado. A borracha teve êsse prêço em virtude da política adotada pelo Sr Getúlio Vargas, evitando que surgissem os fatos que tivemos no primeiro ciclo, no segundo ciclo, e no terceiro ciclo do ouro negro V. Ex.ª sabe perfeitamente que foi graças àqueles acôrdos, que tivemos na Amazônia a construção de hospitais, o S E. S. P., uma dezena de outras instituições que defenderam a Amazônia, como S.E.M.T.A., C.A.E.T.A, S.A V.A., I.A.N., B.C.B., hoje B.C A., etc.

O Sr José Matos — Não estou defendendo, nem acusando a Amazônia ou o Govêrno do Presidente Vargas. Estou dizendo apenas a V. Ex.ª que o problema da borracha, criado na época da guerra, surgiu em virtude dos acordos de Washington e o Presidente Dutra assumiu a paternidade, quando não podia assumir.

O SR. PLINIO COELHO — Era um imperativo nacional a continuação da defesa da Amazônia. Pela própria Constituição de 46, vemos a necessidade imperiosa, irrecorrível, irrefragável, contundente, inapelável de se defender aquela região, até então, repito, esquecida, malsinada, ofendida.

Amparo ou fomento Agro-Pecuário? Afora a manutenção dos órgãos criados pela Administração Vargas, que se circunscreveram ao serviço de rotina e tiveram, por isso, o seu campo de ação embaraçado por mil e um motivos; nada se fêz ou se procurou fazer a prol da pecuária ou da agricultura, no Amazonas A terra fértil, ubérrima, aguarda apenas a execução racional que até hoje o Govêrno Central não lhe quis dar. Os campos gerais os maiores, talvez, do Brasil — que ligam Humaitá a Lábrea, isto é, o Madeira ao Purus, ficaram esquecidos na administração passada.

Transporte? Aqui respondemos ao nobre e douto deputado Clovis Pestana, se me permite S Ex.ª esta honra. E' certo que a Estrada de Ferro de Bragança foi reparada. Não é certo, porém, seja ela a única da Amazônia. Maior, mais útil, e originária de um acôrdo internacional, é a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. E, que saibamos, essa estrada foi olvidada durante os cinco (5) últimos anos, até porque as verbas para lá encaminhadas foram as de costume.

Não é a realidade o que afirmou o deputado Maurício Joppert: "o Fundo Rodoviário deu à Amazônia cota quase igual à sua receita". Em verdade, acumulando-se as quotas da gestão Dutra, o Amazonas recebeu mais ou menos cem milhões de cruzeiros (Cr$ 100.000.000,00), o que significa um pouco mais da arrecadação de um ano no meu Estado. Cabe-me, agora, perguntar a S Ex.ª, quem, no Brasil, criou o impôsto único? Quem? O Presidente Getúlio Vargas! Quem, conseguintemente, inspirou o artigo 15, alínea III, parágrafo 2.º, da Constituição Federal, e que o General Dutra era obrigado a cumprir? Quem? O Presidente Vargas, apesar de exilado Depois de concedido um favor é impossível negá-lo sem que reponte os macaréus da rebeldia, popular, os protestos veementes O Amazonas já vinha recebendo essas quotas Elas fôram aumentadas na administração passada, porque também aumentaram a população e o consumo de combustível, no Amazonas!

Que fez o Govêrno do Estado no entanto, com êsse dinheiro? Pavimentou cêrca de oito (8) quilômetros de estrada nas zonas urbana e suburba-

na de Manaus — os quais já estão em reparos e, — fez uma picada de poucos quilômetros rumo ao Rio Urubu! E tais fatos ocorreram com o beneplácito das autoridades federais, que não desejavam contrariar o homem que já houvera jurado fidelidade ao condestável da ditadura.

Estrada de rodagem na Amazônia, salvantes algumas regiões do Pará e a necessidade que emerge da ligação por terra dos seringais com os núdulos de povoamento sempre à margem dos rios — idéias que, por sinal ainda não foram aventadas ou mesmo cogitadas pelos técnicos rodoviários — é, repetimos mais uma vez, simples expressão demagógica de quem vivendo no asfalto ou visitando o nordeste, pensa conhecer o Brasil presumindo-o uno nos seus problemas e soluções, e fala na mais crua ignorância das realidades amazônicas.

O regime das águas, a densidade pluviométrica e a rapidez com que cresce o matagal nos leitos das estradas, não dão a êsses caminhos mais de um mês de existência nos regimes das chuvas. Com que dinheiro e com quais braços se poderá conservar a planejada estrada Manáus — Caracaraí ?

Não faz muito, o conceituado órgão "Diário de Notícias", que se edita nesta Capital, afirmou que a Amazônia precisa, em lugar de rodovias, de aquavias. Tal pensamento já foi emitido pelo Presidente Vargas. E, novamente, daqui, ratificamos o aparte que formulamos ao discurso do nobre deputado Clóvis Pestana: A Amazônia carece é de navios.

O Amazonas e seus afluentes são navegáveis até quase as suas cabeceiras, durante todos os meses do ano, e isto apesar de possuirmos os Serviços de Portos e Canais apenas no nome — que, de fato, inexistente pelos seus efeitos êle é, na Amazônia. Por que, então, estradas de rodagem ? Sómente homens que jamais contemplaram a grandeza dos rios amazônicos e ignoram a posição de nossas cidades, poderão falar em estradas de rodagem, como solução para o transporte na Amazônia

Navios. Navios. Navios — eis o brado que erguem para o Catete, os amazônidas, e o fazem porque encontraram no Sr. Getulio Vargas o primeiro Presidente da República que enfrentou êsse problema, e porque desejam o reencontro desse roteiro perdido, na administração do General Dutra.

Perguntou, segundo li no Diário do Congresso, o ex-Ministro da Viação, nobre deputado Maurício Joppert, quantos navios foram comprados no Govêrno do Presidente Vargas, quando já houvera eu, por motivos imperiosos, me retirado do plenário. Nesta primeira oportunidade que se me apresenta, honro-me em responder a S. Ex.ª. Ao encampar o Sr. Getulio Vargas a Amazon River, isto em 1940, adquiriu 27 embarcações, tôdas em condições de navegabilidade. Eram elas: "Campinas", "Diamantina", "Therezinha", "Aracajú", "Paraiba", "Inca" e "Niterói" — chamadas chatinhas; "Vitoria", "Belo Horizonte", "Cuiabá", "Distrito Federal", e "Belém" — conhecidas como chatões; "Indio do Brasil", "Rio Mar", "Aimoré", "Sapucaia", "Tupy" "Oyapock" e "Ajudante" — denominadas gaiolas; e "Parreiras Horta" "Maria", "Bulruck", "Mira-Mar" e "Ernestina" — rebocadores.

Após à encampação, do Serviço de Navegação do Estado do Pará, foram comprados mais seis gaiolas, e respectico acêrvo — "Tenente Jansen de Melo", "Tenente Portela", "Tenente Azaury", "Almirante Alexandrino", "Capitão Assis" e "3 de Outubro". A particulares, por compra, adquiriu os seguintes gaiolas: "Osvaldo Cruz" "Laguna" "Eduardo Ribeiro" e "Tavares Bastos" e o rebocador "Britânia". Nos seus estaleiros o SNAPP construiu o rebocador "Rio Acará" e a chatinha "Evandro Chagas", reconstruindo e transformando em cargueiro o pontão "Trombetas". Com as duas dragas — "David Campista" e "Homero Bicalho", — alcançou o SNAPP, na primeira fase do Govêrno Vargas, o número de 40 embarcações Vemos, portanto, que o Presidente Vargas dotou a Amazônia de um excelente serviço de navegação fluvial, equipado com oficinas, estaleiros e embarcações, sendo que quase tôdas em ótimo estado de navegabilidade e apenas umas poucas necessitadas de pequenos reparos.

A que reduziu a administração Dutra êsse serviço? A 24 embarcações, na sua maioria em precário estado de conservação e navegabilidade. 16 não pertencem mais ao patrimônio do SNAPP muito embora apenas o navio "Ajudante" afundado por uma canhoneira colombiana em águas amazonenses, ainda no tempo de Vargas, tenha tido baixa regular.

O navio "Rio Mar", vendido a particulares, como ferro velho, já reparado, está navegando em ótimas condições. O "Capitão Assis", também vendido como imprestável e desta feita sem concorrência, estará daqui por dias singrando as nossas águas.

Os demais — "Belém" "Belo Horizonte", "Tenente Portela", "Tenente Azaury", "Cassiporé", "Indio do Brasil" "Tavares Bastos", "Therezinha" "Niterói", "Mira Mar", "Bolruck", "Britânia" e "David Campista", estão fundeados no cemitério do SNAPP completamente abandonados, apodrecendo, apesar da autarquia possuir numeroso quadro de engenheiros, e oficinas para consêrtos.

Que o Brasil se escandalize em um imenso hiato admirativo ao medir e profligar êsse crime Que boquiabra muito mais ao saber que não foi sómente essa punhalada desferida contra o coração do progresso da Amazônia. O porto de Belém não foi dragado uma vez ao menos, nestes últimos cinco anos e nele já não atracam navios de grande porte. Além de diminuida a velha frota ainda perdemos navios modernos — os únicos que, na Amazônia, não consumiam o mais primitivo dos carbonos — a lenha!

Examinemos êsse golpe. Com a guerra, o Presidente Vargas conseguiu levasse a *Rubber Development Corporation*, entre outras embarcações, seis possantes e modernos navios: "Virgínia", "Virgínia Lee", "Cambridge", State of Delware", "Westchester" e "James Moss", para a Amazônia.

Terminado o conflito e extintas as atividades da *Rubber*. esta procurou vender os seus barcos. Qual o papel de uma administração consciente dos seus deveres para com a Pátria e para com aquela gente que tanto dera da sua vitalidade, na salvaguarda da Honra Nacional? A resposta é uma só: adquirir os navios e incorporá-los à flotilha da Amazônia, até como um ato de gratidão. se não fôra a carência de transporte, gritantemente c o m p r o v a d a! Que aconteceu, todavia? Os navios foram comprados por uma companhia estrangeira, que os revendeu para fora da Amazônia ,obtendo enormes e fáceis lucros!

Se o Pará, que possui uma estrada de ferro e rodovias, que tem uma notável flotilha nas mãos de particulares e ainda é servido pela Costeira, sofreu a mais sofrer, que não diremos nós do Amazonas, insulados, esquecidos e ignorados na nossa grandeza, vegetando ou morrendo nas barrancas, sem outro meio de comunicação e transporte que não seja o navio?

Pobre Amazonas! Desgraçada Amazônia! Infeiz Brasil! Transporte? E' de arripiar cabelos, é de corar um frade de pedra, é de indignar um habitante do Nirvana a sua história, na Amazônia, nesse período felizmente findo!

Eis, Senhor Presidente e Senhores Deputados, a que se resume o Govêrno do General Dutra para a Amazônia — e ainda há brasileiro que pensa que foi o general Dutra quem redescobriu a A m a z ô n i a para o Brasil!

* * *

Tudo isso, porém, não é ignorado! Eis o Presidente Vargas, no discurso pronunciado a 20 de agôsto de 1950, a dizer-nos:

> "Nas contingências especiais de muito nos serviu essa organização bancária. Passados os tempos, porém, mudadas as circunstâncias e desaparecido o incentivo da exportação, o referido órgão atrofiou-se, como contingência da falta ou variação de função. O Banco de Crédito da Borracha já não corresponde às necessidades, porque o problema não é mais o da exportação. Logo que eleito, se o fôr, transformarei essa organização em outra com atribuições para disciplinar a extração, equilibrar os preços, financiar as safras e cuidar ainda da cultura de fibras vegetais nossas.
>
> Precisamos aproveitar convenientemente as vantagens do ambiente geográfico. Embora a borracha nativa tenha os seus dois grandes e poderosos inimigos na goma cultivada e no similar sintético, nem por isso se acham ameaçadas de esgotamento as enormes possibilidades da hévea amazônica. Possuímos hoje indústrias modernas e bem equipadas de artefatos de borracha, que consomem a quase totalidade da produção nacional. Transformando a matéria prima temos garantido o seu aproveitamento no próprio mercado interno em constante crescimento.
>
> A concorrência não poderá, portanto, atingir-nos. Continua-

remos a extrair borracha dos nossos seringais, industrializando-a para as próprias necessidades e exportando os artefatos em lugar da matéria prima".

E' ainda o Presidente Vargas, quem, um dia depois, em Belém, assim se expressa:

"Não fiz promessas vãs. Se nem sempre foram os planos estabelecidos para vosso reerguimento executados com o rigor desejado e não trouxeram, inteiramente, ao povo, as vantagens que se destinavam a lhe assegurar, alguma coisa se terá obtido.

Dentro da extensão que ocupais quase deserta ainda, nada se realiza de chôfre. E' preciso tempo e continuidade.

Estou certo de que se tivesse sido mantido com zêlo, com tenacidade, com descortínio o programa traçado, estaríamos bem mais adiantados do que estamos.

A organização estudada e posta em funcionamento durante a minha administração atacava, em conjunto, todos os aspectos do problema amazônico: o da saúde, a cargo do Serviço Especial de Saúde Pública; o do braço, com a mobilização de trabalhadores para o Amazonas; o do aperfeiçoamento do cultivo da borracha e de outras plantas econômicas da região, com a criação do Instituto Agronômico do Norte; o do crédito, com a fundação do Banco de Crédito da Borracha; os dos transportes, com a encampação do pôrto de Belém e da Companhia de Navegação do Amazonas, fundidas as duas emprêsas num só serviço. Órgãos autônomos entre si, êsses departamentos formavam um conjunto destinado a vos assistir, a animar e proteger o vosso trabalho, a garantir-lhes os frutos e dotá-los dos aperfeiçoamentos técnicos que as modernas conquistas da ciência indicassem como os melhores. Não foi mesmo esquecido o problema das relações entre seringueiros e seringalistas, de forma a ser protegido e amparado o esfôrço do soldado da borracha, na sua luta contra as asperezas do sertão".

Escutando com atenção a fala dos candidatos, medindo os seus conceitos e sopesando suas afirmações, após examinado o passado de cada um dêles, o povo amazonense, numa notável demonstração de civismo, contra as autoridades federais que aliciavam eleitores para Cristiano Machado, contra as autoridades estaduais que pressionavam o eleitorado para votar em Eduardo Gomes, e contra o regime feudal que ainda vige no meu Estado, preferiu o general da Revolução de 30, o orador do "Discurso do Rio Amazonas".

Ao fazê-lo, acreditou que a errônea política até então adotado seria revista e alterada. Por que a flotilha e o quartel general continuam em Belém, quando o Amazonas faz fronteiras com 4 Nações, 1 Colônia Européia e 3 Territórios? Por que a agência do SNAPP, em Manáus, nada possui e as linhas nossas são desservidas pelos seus barcos? Por que a direção dêsse serviço continua em Belém, quando o mais consentâneo e imperioso seria pô-lo em Manáus, mormente se lembrarmos que a Costeira e uma enorme flotilha de particulares trafegam no Pará, Estado marítimo, enquanto o nosso é central? Por que continua o Banco de Crédito da Amazônia, a ser sediado em Belém, quando o centro geográfico, produtor e de informação da Planície é Manáus?

Comparação da Produção da Borracha nos Estados do Amazonas e Pará

(Cr$ 1.000)

	1938	1939	1940	1941	1942	1943
Amazonas .	20.992	25.386	42.390	37.351	68.934	78.425
Pará	13.514	14.400	15.284	30.861	56.639	68.591

Comparação da Produção da Borracha nos Estados do Amazonas e Pará

	1944	1945	1946	1947
Amazonas	101.187	131.661	102.818	122.906
Pará	82.353	79.835	81.886	80.717

Porque o papel que representará, amanhã, o Amazonas, ainda não foi compreendido. Porque somos um povo de rarefeita densidade demográfica — menos de uma sentinela, vigilante indormida, na defesa da integridade do solo Pátrio, em cada quilômetro. Porque a chefia dêsse cargos e comandos é quase sempre preenchida por homens sulinos que nunca viveram na "selva selvaggia" e acham que já estão prestando um grande serviço ao Brasil demorando em Belém, cidade cosmopolita, onde, ao mesmo tempo, se sente a brisa marítima e fluvial, homens que buscam achar-se mais próximos dos centros populosos das grandes capitais brasileiras do que dos grandes problemos brasileiros! Pobre Brasil! Pobre Amazônia! Infeliz Amazonas!

Acertadamente, disse com sua mestria o inolvidável Ruy:

> "A administração brasileira está no hábito de supor que a história se manufactura com as partes oficiais, os telegramas diplomáticos e os panegiricos dos fornais amigos. E' um engano infantil, uma concepção rústica ou selvagem do mundo moderno".

Vale, pelo sabor da rebeldia, pelo acre-doce da sinceridade que emerge das suas palavras, êste lapidar período do atual Governador do meu Estado:

> "Devido a isso, os historiadores do futuro, consultando fontes seguras, espanarão a poeira, a imundície, o monturo, e irão restabelecer a verdade, embora revolvam os arquivos mais complicados e secretos. Todos os "monstros feios, cujo peso afrontoso a terra oprime", todos os "espíritos obscenos", que ferem, "em vez dos corações, os calcanhares" todos êsses anãos, "vastos e estereis, ôcos e sonoros, únicamente grandes no tamanho, — serão obrigados a sair de tojos e antros, e aparecer em sua nudez, para serem inoculados e desmedandos, como os coelhos nas salas dos laboratórios"...

Os últimos cinco anos — fala o candidato das fôrças populistas à Presidência da República — mostram-nos o Brasil transformado em

> "Nação econômicamente empobrecida, financeiramente desorganizada, politicamente dividida e socialmente inquieta".

O Brasil voltara a ser formado de brasis. Retornamos aos Estados grandes e pequenos, ricos e pobres, fracos e fortes, prestigiados e sem prestígio. E' o que afirma o Presidente Vargas em Passos Fundo:

> "O progresso industrial de Passo Fundo espera por novas disponibilidades de energia motriz, pela conclusão da usina de Capingui, que mobilizará 1.400 Kw, mas principalmente pelas obras hidroelétricas de Ernestina e de Salto Grande de Jacui.
>
> Interêsses subalternos do Govêrno Federal retardaram essas obras, numa tentativa de suborno do nobre Governador Válter Jobim, pretendendo comprar a consciência cívica do Rio Grande com o dinheiro da Nação.
>
> Enquanto se protelava a realização de empréstimo de 150 milhões de cruzeiros, já prometidos ao nosso Estado, o Banco do Brasil abria seus cofres para satisfazer os interêsses dos protegidos do Catete, dando recursos ao Pará, para as obras de eletricidade e saneamento e atendia aos reclamos da terra baiana, às exigências de Minas Gerais, da Paraíba, de Pernambuco, do Paraná, do Rio de Janeiro, além de con-

tribuir com 200 milhões de cruzeiros para a formação do capital de uma só emprêsa particular.

Foi a prática continuada dêsses êrros, a reimplantação do profissionalismo político nas esferas oficiais, o abandono dos interêsses da coletividade pelas conveniências pessoais dos homens responsáveis pelas cousas públicas, que levou o povo, mais do que os Partidos, a fazer-me seu candidato."

João Ribeiro volta a ser lido:

"O extremo norte, a Amazônia, é um excesso indiático; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino; ambos êsses extremos estão fora ainda hoje do seu influxo original, revolucionam-se quando tudo está em paz, ou prosperam em meio da miséria universal".

Escutando êsses protestos e rememorando o passado, os amazonenses votamos em Vargas, na certeza de que teríamos dias melhores em um Amazonas integrado a um Brasil melhor.

Ontem, quando Ruy Barbosa — a alipotente Aguia de Haia — era candidato à Presidência da República e o sagrávamos nas urnas, contra a vontade das autoridades sulinas, contra a prepotência do Catete, rezávamos, contritamente, o hino à Liberdade:

"Tu não és a escada do poder, és, nas sociedades adiantadas, o elemento sagrado que o limita. Não te chamas dominação: chamas-te igualdade, tolerância, justiça. Não te entregas em monopólio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um sistema: exiges uniformemente para todos eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem. Só te compreendem os que te não recusam aos seus adversários; porque tu és a discussão, a luta das inteligências, o combate das idéias.

Nenhuma opinião, nenhuma política, nenhuma invenção humana é privilegiada contra ti; sôbre tôdas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo clarão o êrro se descobre, e prevalece a verdade. Seu influxo decompõe as criações efemeras e cristalisa as divinas...

As procelas, as trombas, os ciclones devastam, mas não duram.

O que não passa é o oceano das verdades eternas, indiferente ao rugir das paixões contemporâneas, e por sôbre êle a imensidade siderea das almas, que és tu, ó liberdade!"

"Teus heróis não são os gigantes da carniça, os clássicos da perseguição, os semi-deuses do terror; são os bons, os mansos, os justos, os mártires da impassibilidade política no trono, na plebe, nas seitas ferozes, os homens limpos de sangue alheio, que venceram pregando, escrevendo, edificando — salvando, e morrendo, os que, abraçados contigo, semearam a religião, lavraram o direito e estabeleceram a moral e a política êsse composto de moderação, experiência comum".

Hoje, novamente contra o Catete, as autoridades sulinas e as do Estado, olhos fitos no altar da Pátria, corações em diástoles e sístoles descompassadas pela gratidão, sufragamos o nome de Vargas, dando-lhe, na proporção dos colégios eleitorais, a maior votação já obtida, no meu Estado, por um candidato à Presidência da República, — tendo nos lábios o soneto de Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac:

"Nem sempre durareis, eras sombrias
De miséria moral! A aurora esperas,
Ó Pátria! e ela virá, com outras eras,
Outro sol, outra crença em outros dias!

David renascerá contra Golias,
Alcides contra os pantanos e as feras ...
Os corações serão como crateras,
E hão de em lava mudar-se as cinzas frias ...

As nobres ambições, fôrça e bondade
Justiça e paz virão sôbre estas zonas,
Na confusa fusão da ardente escoria.

E, na sua divina magestade,
Virgens, reviverão as Amazonas,
Na cavalgada esplendida da glória."

Bem vimos, bem escutamos e bem compreendemos, nos apartes aqui proferidos por um deputado, no eufórico silencio dos oposicionistas e de alguns situacionistas, no hasteamento, a meio páu, no Edifício da Assembléia Legislativa do meu Estado, da bandeira Amazonense, a requerimento do lider do P. S. D. caboclo, — a gargalhada sarcástica, o convite ao desencanto, a ironia e mordaz indigitação ao povo de que êle errara elegendo Vargas!

E' certo que o SNAPP continua ser dirigido pelo mesmo homem! E' verdade que foram reeleitos os mesmos diretores do B. C. A., e desta feita excluído o Amazonas! E' correto que o Sr. Felisberto Camargo continua desservindo o I.A.N.! E' exato que os delegados dos institutos e as demais autoridades ocupantes de cargos de confiança, são, na sua maioria, os mesmos da administração Dutra! E' real que o Instituto Agronômico do Leste auxiliado pelo do Norte, está procurando desviar o problema da borracha da Amazônia! Não há negar que o SNAPP, o B. C. A. e o Quartel General ainda estão sediados em Belém!

Certíssimo é também que foi feliz o Presidente Vargas ao dar a Presidência do B. C. A. ao Sr. Gabriel Hermes Filho, servindo assim grandemente, à Amazonia. Verdade é igualmente, que o Presidente Vargas já entregou ao B. C. A. (vinte milhões de cruzeiros (Cr$20.000.000,00 e já autorizou a entrega de mais vinte milhões de cruzeiros (Cr$ 20.000.000,00). Corretíssimo é outrossim que atrazados ao Banco e do Ministério do Trabalho já foram encaminhadas , agora, algumas centenas de trabalhadores, para o Vale, e o Govêrno fornece passagem gratuita a todos quantos desejarem alí trabalhar.

Não somos e nem seremos, por isso, um povo em vias de definitiva desilusão! Não somos e nem seremos o viandante que, de bornal vasio, já esfaimado e sedento, recobre alento e vivifica ante a esplendorosa e acariciante visão de um refrescante oasis de águas sonorosas e cristalinas, sombreadas por esgalgas tamareiras, e que concluí, ao caminhar nessa direção após supremo esfôrço, ter sido enganado por falaz miragem.

Somos e continuaremos a ser impulsionados pela mesma e ardente fé que nos levou para as paliçadas de 3 de outubro! Somos e continuremos a ser soldados confiantes no Chefe, que nunca nos desmereceu e que jamais nos levou ao infortunio da descrença e da derrota!

Sabemos que em 4 meses não se corrigem defeitos seculares, reformando-se, abruptamente, a mentalidade de homens recuados no tempo! Sabemos que a reforma do Brasil — dos seus costumes, processos e máquinas políticos — se não levada a seu termo, será concluída pelo continuador de Vargas! Compreendemos as dificuldades por que está passando o General das fôrças populares para se libertar daqueles que, adversários ontem, rastejam hoje a seus pés, para, amanhã no ocaso do sol, encherem as mãos de pedras. Cremos que os sabotadores de hoje e que anseiam impopularizar o único condutor do povo brasileiro — estão com os seus dias políticos, comerciais ou industriais contados!

Os amazonenses não desesperamos de Vargas e lhe concedemos ilimitado crédito de confiança. E novamente o Amazonas voltará a pertencer ao Brasil, razão por que aqui estamos para alertar a S. Exa. do golpe que está sendo tramado e executado. inclusive por auxiliares seus, vindos da última Presidência, contra a Amazônia, contra o Brasil.

Não há porque duvidar da existência desse plano internacional, que busca preparar o campo para o salto, com a derrocada da Economia do Vale e a consequente polvorosa nos meios financeiros, acompanhada da descrença dos amazônidas no Brasil! E' um plano silencioso e de quem não tem pressa. Ele vem de recuados dias, quando teria sido internacionalizado o Rio Amazonas, se não fôra a ação do pranteado ex-Presidente Wilson. Ele não esteve ausente na Bolívia de quando lutamos pela libertação do Acre, salvando-nos a sagacidade de Rio Branco. Ele esteve presente no Velho Continente. ao tempo em que a expressão "espaço vital" fazia parte da arrogância nazista. Ele repontou, não faz muito, no Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, feliz e oportunamente combatido pelo vigilante deputado Arthur Bernardes, pela Assembléia Legislativa do meu Estado, que aprovou uma *indicação* de minha autoria, endereçada ao Congresso Nacional, ao Estado-Maior das Fôrças Ar-

madas, repudiando e pondo a descoberto o maquiavelismo, ou agora, pelo Presidente Vargas, que lançou à última pá de terra sôbre o cadáver dêsse novo cavalo de Troia, no seu último discurso pronunciado em Manáus:

"Estou convencido que um ônus da grandeza, é precisamente o de despertar invejas, acender cobiças e insuflar ambições".

.....

"Não é de hoje, não é dêstes anos atribulados do segundo após-guerra, que olhos cobiçosos se voltam para as nossas grandes possibilidades. Antes mesmo do conflito mundial de 39-45, num parlamento ilustre do velho continente, levantavam-se vozes que pretendiam apaziguar as querelas européias acenando com uma compensação — a criação de colônias nas extensas terras do nosso maravilhoso vale".

.....

"Recentemente, sob outra forma e com outros empresários, a antiga idéia tomou vulto numa alta assembléia internacional".

"A segunda ameaça parece conjurada por algum tempo, mas não está longe a data em que voltarão à carga os colonizadores potenciais".

.....

"Em vez da Amazônia internacionalizada, que pretendem alguns poucos brasileiros mal orientados, levarei avante a idéia antiga de uma Amazônia bem brasileira, interessando às nações froteiriças e promovendo a integração econômica e social da bacia do grande rio".

Entrosados a êsses gestos a descoberto, existe um serviço lento, mas seguro, silencioso, mas contínuo: é o que busca conservar a Amazônia como colônia exportadora de matéria prima, sujeita aos caprichos do único comprador, que anseia evitar sempre a sua independência econômica. A importação da borracha, o plantio na Bahia com clones fornecidos pelo Sr. Felisberto Camargo e a instalação de uma fábrica, em São Pau-lo, de borracha sintética, — são outros aspectos da questão. O primeiro, a par de servir às duas principais companhias que fabricam pneus — *Firestone e Good Year* — que possuem plantações de hevea no estrangeiro, traz no seu bojo a derrocada da Economia da Amazônia, particularmente do Amazonas, Acrê e Guaporé, que têm como arquitrave do seu edifcio econômico a *hevea brasiliensis!* E a falência da Amazônia, que vem sendo desejada, de há muito, por fôrças ocultas, é o "caldo de cultura," onde proliferarão as idéias internacionais. Quando a Amazônia tombar em consequência dêsse plano, novamente surgirão os "salvadores" — velhos e famintos corvos que vivem, por sem dúvida, rondando a selva.

Talvez por causa dessa politica, o Banco, até ontem, não plantara uma seringueira, nem formentará seu plantío ou mesmo a produção do *latex*. Por que com oito anos de vida o Banco não procurou regulamentar o trabalho nos seringais, deixando de oferecer proteção alguma quer a seringueiros quer a seringalistas? Por que procurou o Instituto Agronômico do Norte, a cujo cargo se acha entregue a administração e exploração da primitiva concessão *Ford* do Brasil, colocar à disposição dos industriais de borracha do Sul do País, a produção do *latex* concentrado, proveniente dos seringais de plantio daquela concessão, ao preço de .... Cr$ 20,00 (vinte cruzeiros) o quilo *Cif* Rio de Janeiro ou São Paulo, prejudicando os produtores numa enorme diferença de preço da ordem de 30% (trinta por cento), quando já se falava em importação de borracha? Que serviços já prestou o Sr. Felisberto Camargo à Amazônia? Descobrir que as terras equatorias não são ricas de humus? Que as mais férteis terras são as das margens dos rios? Ora, isso já sabiam os nossos caboclos milenarmente! Ora, isso já é dito pelo conselheiro Nabuco de Araújo, quando pedia a colonização das margens dos nossos rios!

Ainda na execução dessa tenebrosa trama que denunciamos à Casa, ao Presidente da República, e à Nação, adquiriram-se, criminosamente, as plantações da prealudida concessão, derrubaram-se seringueiras atacadas de um mal até então inexistente na Hiléia e tencionam o I.A.N.. e o I.A.L. incentivar a plantação das "árvores que choram", na Bahia, contrariando-se a divisão geo-econômica a que se refere o Decreto-lei n. 5.686, de 21 de julho de 1943. Au-

xílio ao povo baiano? Não. Deseja-se desviar os olhos e a atenção da Amazônia! Proteção aos bahianos? Não. E elês devem estar desconfiados de esmola tão grande!

* * *

Perdoem-me VV. Exª.s, se me alongo e se pareço regionalista, alimentando doentios sentimentos de bairrismo. Filho de pai e mãe cearenses e nascido numa região desbravada e descoberta para a civilização pelo nordestino — cerne da nacionalidade, na conceituação do joeirador de "Os Sertões", tendo por berço uma terra que emigra — continente em marcha, já se afirmou — nos caminhos que caminham, membro de uma sociedade que abre suas portas e os seus corações prontos a abrigar nacionais e estrangeiros — jamais poderíamos assomar esta tribuna para um discurso xenófobo ou chauvinista! Não, Senhores Deputados

Não. Gritamos, protestamos, deblateramos porque fomos educados na escola do saudoso campeador Heliodoro Balbi, quando ensinava na Faculdade de Direito do Recife:

> "Ides para meio dessa tremenda subversão de princípios e caracteres — ides como uma fôrça de resistência, como uma audácia convencida da firmeza do vosso protesto. Levantai-vos contra tôdas as torpezas e iniquidades, contra os desmandos dos almetas e bonzos, satrapas e lacaios republicanos, cujos ideais não transpuzeram nunca a cerca da sua herdade, a linha do horizonte da sua aldeia e, aparvalhadamente, querem dirigir opiniões, governar povos, superintender cidades e educar gerações".
>
> "As sociedades caracterizam-se se pelas revoluções e o homem que as constitue e que não é um centro de revolução não é um fator social.
>
> Garibaldi, Mazzini, Cipriani, Bolivar, Bakounine, Andrada, Tolstoi são a imagem da liberdade, ela mesma feita homem para quebrar os ferros dos mártires e abrir as prisões dos justos. Protestai, pois, contra tôdas as tiranias, contra as da imprensa como as dos governos, contra as dos juizes como as dos mestres, contra as de todos aqueles que têm uma parcela de poder social. Oponde-vos firme e tenazmente às masorcas daqueles que, com estupendo cinismo a indigna covardia, mercadejam a honra da Pátria, infamando a glória do seu nome".

Não. Reclamamos, exvurmamos, porque, a acreditarmos no grande mestre Ruy Barbosa:

> "O Brasil não é só um baldio, abandonado às experiências e avidezas dos aventureiros nacionais: é uma prêsa voluntária, oferecida às liberdades e intrigas da absorção estrangeira".

Não. Levantamo-nos porque assistimos um brasileiro ilustre alvitrar a venda do Amazonas, a fim de o Brasil, por êsse meio, pagasse as suas dívidas; e

> "não é para uma derrota, — ensina-nos o Sr. Alvaro Maia — mas para uma finalidade triunfal, que semeamos o território de ossos, que o glorificamos por gotas de suor, cristalizando nessas pérolas mudas, nessas lágrimas do esfôrço, a sinfonia e a esperança dos nossos destinos.
>
> A nossa luta para o desvirginamento da nova Atlântida, boiando na vastidão da América como um corpo verde e volutuoso, reclama também uma audácia inflexível no sentido de repelir a injúria e a pequenez...".

Não. Protestamos e advertimos porque!

> "Se as cousas caminharem com essas preferências odiosas, marcharemos para a guerra das sucessões, porque a verdade é que o Norte não tem passado de *verdadeira colônia* e como tôdas as colônias dia virá em que procurará romper uma união que para ela não tem passado de verdadeiro grilhão". para rememorarmos Luciano Pereira.

Não. Bradamos porque pensamos com Eloy de Souza, ao escrever, em 1913, êste ainda agora oportuno período:

> "E não nos iludamos. Não nos iludamos. legisladores e homens de govêrno, sobre a sorte daquelas terras e daquelas gentes, se os deixarmos ao seu destino, embaraçados na frágil trama de preceitos constitucionais meramente teóricos, sem a coragem e a virtude de fecundá-las, violentamen-

te, se tanto for preciso, no lúcido cumprimento do nosso dever de responsáveis pela prosperidade e tranquilidade da Nação".

Não. Erguemo-nos, porque conhecemos o valor da Amazônia, e sabemos, na conceituação de Bates, que

> "A imaginação desvaira, quando medita no possível futuro desta região, situada no centro equatorial da América do Sul, no meio de uma zona quase tão grande como a Europa, com o solo exuberante e fertil, e tendo comunicações naturais com o Atlântico, as repúblicas de Venezuela, Colômbia, Equador, Perú e Bolívia".

Não. Combatemos com tôdas as nossas fôrças porque ou o Brasil resolve hematizar a Amazônia — que não é nem Inferno nem Paraíso Verde, mas, sim, uma região abandonada e que só de 1940 para cá passou a ser vista pelo Govêrno Central — dando-lhe o sangue imprescindível ao seu crescimento, ou teremos falhado — e a Amazônia, então, deixará de ser Brasil!

Não. Profligamos porque não compreendemos continui a Amazônia. ainda neste instante, a ser o que nos descreve a visão esclarecida de Russel Wallace:

> "Não há no mundo, talvez, nenhuma região que, pelas suas condições naturais, ofereça tantas vantagens e tantas possibilidades para a auferição de largos proventos com as explorações agrícolas, quanto esta, e que, no entanto, seja tão pouco aproveitada para êsse fim".
>
> "Nenhuma outra há onde as facilidades para as comunicações internas apresentem tantas possibilidades, e onde, todavia, seja mais dificil e mais penoso do que aqui, para a gente se deslocar de um ponto a outro".
>
> "Nenhuma outra há que ofereça tantos requisitos naturais para um imenso intercâmbio com todo o mundo, e onde, a circulação das suas riquezas seja tão limitada e tão insignificante".

Perder-nos-íamos, e furtaríamos o precioso tempo de VV. Excia., senhores Deputados, num emaranhado de citações para demonstrar o quão cobiçada é a Amazônia. É desnecessário e ocioso tal proceder, pois que conhecem VV. Excia., tanto quanto eu, o que ocorre derredor desse palpitante assunto. Permitam VV. Excias., no entanto, que, ao concluir, advirta à Casa e à Nação, dêsse golpe que está sendo desferido contra a Pátria. Que o brocardo — o brasileiro só fecha a porta depois de furtado — não se realize, embora, em parte, já se tenha concretizado — quando dos furtos da semente de seringueira e, agora, da importação da borracha.

Urge esclarecido, senhores Deputados, que o imperialismo, hodiernamente, só por exceção, se faz pelas armas, pelas tropas de ocupação; êle é subreptício, silencioso, hábil, envolvente, tentacular e surge por intermédio de Acôrdos, Conferências, Pactos.

Não são outras as palavras de Luiz Cordeiro, no seu precioso livro, editado em 1914:

> "As conquistas hoje se fazem não só pelas armas ou pela fôrça. A verdadeira conquista no século presente, é feita comercialmente, pela posse dos mercados!"

Revivamos, senhores Deputados, a advertência pregada pelos romanos nesta frase lapidar:

> "Que os consules tomem cuidado para que a República não sofra algum dano". (*Muito bem; muito bem*).

(D. C. 3 e 5-5-51).

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura